

**Embrapa**

Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Ministério da Agricultura e do Abastecimento
Centro de Pesquisa Agroflorestal da Amazônia Oriental
Trav. Dr. Enéas Pinheiro s/n, Caixa Postal 48,
Telex (091) 1210, Fax: (091) 226.9845 - CEP 66.095-100
e-mail: cpatu@cpatu.embrapa.br

COMUNICADO TÉCNICO

Nº 97, fevereiro/99, p.1-2

QUEIMA DA TEIA MICÉLICA EM MARACUJAZEIRO NO ESTADO DO PARÁ: Sintomatologia e Controle

Luiz Sebastião Poltronieri¹
Dinaldo Rodrigues Trindade²
Fernando Carneiro de Albuquerque¹
Ruth Linda Benchimo¹

O maracujazeiro amarelo (*Passiflora edulis* f. *flavicarpa* Deg.) é a espécie mais cultivada no Estado do Pará e se constitui em uma das principais fontes da economia dos municípios paraenses de Capitão Poço, Maracanã e Igarapé-Açu. Nos últimos anos, tem-se observado um aumento na incidência de doenças, causando perdas significativas na produção e qualidade dos frutos. Em maio de 1998, observou-se nas áreas de produtores de Capitão Poço, Igarapé-Açu e Maracanã, uma doença que resultava no secamento das folhas. No estágio inicial, as folhas apresentam pequenas manchas de forma circular, aquosas e de coloração verde-clara e, a medida que crescem, coalescem, dando lugar a áreas necrosadas de forma irregular, rodeadas por um halo amarelo. Observou-se, também, hifas de fungo que cresciam sobre as lesões e se estendiam rapidamente sobre as áreas sadias, unindo as folhas através de uma teia micélica (*Thanatephorus cucumeris*) e, sobre essas, formavam-se microescleródios.

A partir de fragmentos de tecidos lesionados e de microescleródios, realizou-se o isolamento em meio de cultura BDA, onde foi obtida colônia de um fungo com hifas marrom-claras, de parede delgada, ramificando-se em ângulo reto. Os isolados do fungo foram repicados para placas de petri com Meio BDA e incubados na temperatura de 21 ± 1 °C, mantendo-se as placas dentro de uma bandeja de plástico transparente com tampa para provocar microambiente com umidade saturada (Carpenter, 1949). Após nove dias, as hifas cresceram em direção à tampa, observando-se a presença de basídias com basidiosporos hialinos, oblongos e elipsoidais, medindo 6 a 10μ de comprimento e de 3,72 a $6,2 \mu$ de largura. O teste de patogenicidade foi realizado utilizando-se duas metodologias de inoculação: a primeira, colocando-se discos de micélio de 5mm de diâmetro na face superior de folhas de mudas de maracujazeiro amarelo de dois meses de idade e a outra, através de atomização de uma suspensão de fragmentos de micélio e

¹Eng.- Agr., M.Sc., Pesquisador da Embrapa Amazônia Oriental, Caixa Postal 48, CEP 66 017-970, Belém, PA.

²Eng.- Agr., Ph.D., Pesquisador da Embrapa Amazônia Oriental.

microescleródios sobre as folhas. As plantas testemunhas foram inoculadas com discos de BDA e água destilada, respectivamente. Após a inoculação, as plantas foram submetidas a uma câmara úmida, por um período de 48 horas, e deixadas em ambiente de telado.

Cinco dias após a inoculação, as folhas apresentavam sintomas semelhantes aos observados em condições de campo, nos dois métodos empregados. No reisolamento observaram-se características morfológicas semelhantes às do fungo isolado originalmente.

Baseando-se na sintomatologia da doença, nas características morfológicas apresentadas pelo fungo e nos testes de patogenicidade, conclui-se tratar-se de *Thanatephorus cucumeris* (Frank) Donk, fase perfeita de *Rhizoctonia solani* Kuhn.

O registro de *Thanatephorus cucumeris* atacando maracujazeiro no Brasil é recente, ocorrendo apenas no Estado do Pará. O isolado do fungo encontra-se depositado na coleção de fungos da Embrapa Amazônia Oriental.

Controle: Os produtores deverão monitorar seus plantios e assim que constatarem os primeiros sintomas da doença devem realizar pulverizações quinzenais alternando produtos a base de cobre (3 g do produto comercial/litro de água) ou mancozeb (Dithane ou Manzate) na dosagem de 2 g do produto comercial/litro de água), com produtos à base de pencycuron (Monceren) na dosagem de 1 g do produto comercial/litro de água.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

CARPENTER, J.B. Production and discharge of basidiospore by *Pellicularia filamentosa* (Pat) Rogers on *Hevea* rubber. *Phytopathology*. Saint Paul, v.39, p.980-985, 1949.